



FÓRUM SUL MINEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: CENÁRIOS DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM GÊNERO E SEXUALIDADES

Cláudia Maria Ribeiro¹

Resumo: Muitos são os processos vividos nos Fóruns de Educação Infantil que se constituem em espaços de discussão sobre as concepções de infância, formação de educadoras e educadores, planos de carreira, dentre outros temas que se referem à qualidade da Educação Infantil. Muitos fios a serem puxados nesse emaranhado de saberes e fazeres que se entrelaçam, se entrecem, se engalfinham. Muitas cidades da região Sul de MG, integrantes do Fórum e que compõem esses cenários de processos de formação também em gênero e sexualidades e que serão problematizados neste texto focando o referencial teórico referente ao curso “Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil” efetivado com verba da SECADI/MEC² e também da Secretaria Municipal de Educação de Poços de Caldas - MG.

Palavras-chave: Gênero, sexualidade, formação continuada, educação infantil, fórum.

O Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil e os processos de formação continuada

Desde 1998 – o Departamento de Educação da UFLA atua articulando o Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil integrado ao MIEIB – Movimento Interfóruns de Educação Infantil no Brasil³ articulando diversas instituições, órgãos e entidades comprometidas com a Educação Infantil.

Desde então, sistematicamente, entretecendo saberes e fazeres de cidades do sul de Minas Gerais – quase trinta cidades da região – amplia-se sobremaneira a possibilidade de produção de conhecimento na Educação Infantil, campo intersetorial, interdisciplinar, multidimensional e em permanente transformação. A história dessa articulação possibilitou a efetivação de projetos tais como: 2004, 2005 e 2006 (PROEXT/MEC): Construindo práticas a partir dos compromissos com a defesa dos direitos sexuais de crianças e adolescentes no combate ao abuso e exploração sexual; 2007, 2008 (SECAD/MEC): Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes e proteção e, em 2009, para execução em 2010 (SECAD/MEC): Tecendo

¹ Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Relações entre a Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente. ribeiro@ufla.br

² Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do MEC.

³ www.mieib.org.br

gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil envolvendo 5 universidades, a saber: Universidade Federal de Lavras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UNICAMP e USP Leste.

Todos esses projetos possibilitaram discutir os temas referentes aos Direitos Humanos tais como: educação e cultura em direitos humanos; direitos humanos de crianças e adolescentes; enfrentamento ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes; difusão do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA; participação democrática de crianças e adolescentes que serão também contempladas no presente projeto.

Em 2011, por conta das articulações do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, a equipe integrante do Grupo de Pesquisa: Relações entre a filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente, assume a formação de 120 pessoas em 80 h de curso no município de Poços de Caldas – MG.

A temática da sexualidade e de gênero vem sendo estudada por pesquisadores e pesquisadoras que debruçam-se sobre a psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, história, dentre outras áreas do saber e, especialmente, muitos Grupos de Estudos e Pesquisas debruçam-se sobre os Estudos Culturais, estudos feministas, lésbicos, gays, estudos pós-estruturalistas problematizando a complexidade das realidades sociais, econômicas, políticas e culturais no e do mundo contemporâneo. Esses estudos vêm sendo difundidos em processos de formação continuada.

Especialmente no curso Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil oferecido por 5 universidades para 500 profissionais da Educação Infantil propusemos e estudamos os seguintes textos: GALLO, Sílvia. Acontecimento e resistência: Educação menor no cotidiano da Escola (2007); LOURO, Guacira Lopes. A emergência do Gênero e Gênero, Sexualidade e Poder. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista (1997); BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência (2002); SILVA, Tomaz Tadeu. Teorias do Currículo: o que é isto? – Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo (1999); FERRARI, Anderson. Mãe! E a Tia Lu? É menino ou menina? (2003); COSTA, Jurandir Freire. Homoerotismo: A Palavra e a Coisa – A ética e o espelho da cultura (1994); CRUZ, Elizabete Franco. “Quem Leva o Nenê e a Bolsa?": O Masculino na Creche – Homens e Masculinidades: Outras Palavras (1998); RIBEIRO, Cláudia. Gênero e sexualidade no cuidar e educar (2008); BONDÍA, Jorge Larrosa. O Enigma da Infância – Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas (1999).

Esse curso aconteceu em 2010 e, veiculando as informações sobre o mesmo no espaço dos encontros do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, que acontece mensalmente, a cidade de Poços de Caldas-MG, ciente do compromisso com a formação continuada de professoras e professores assume as 80 h de curso ministrado às profissionais da Educação Infantil daquele município. Para tanto o referencial teórico proposto foi o seguinte: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. Sexualidade(s) e infância(s): A sexualidade como um tema transversal (1999). XAVIER FILHA, Constantina (org). Educação para a sexualidade, equidade de gênero, e diversidade sexual: entre carregar água na peneira, catar espinhos na água e a prática de (des)propósitos (2009). BRASÍLIA. Secretaria dos Direitos Humanos e Ministério da Educação. Guia Escolar: Métodos para a identificação de sinais de Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Benedito Rodrigues dos Santos.et al. Rita Ippolito (2004). HALL, Stuart. A identidade Cultural na pós Modernidade (2001). BRITZMAN, Debora, P.O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo (1994). FERRARI, Anderson. Ma vie em rose: gênero e sexualidades por enquadramento e resistências. In: Educação em Foco – gênero, sexualidade, cinema e educação. (2009). SILVESTRE, Mônica L.: Barreto, Flavia de O. Relações dialógicas interculturais: Brinquedo e gênero. In: RIBEIRO, Cláudia e SOUZA. Ila Maria Silva (org). Educação Inclusiva: Tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção. (2008). SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedoteca: sucata que vira brinquedo. (1995).

Duas coletâneas de textos, devidamente selecionadas para possibilitar construções e desconstruções acerca dos conceitos de sexualidade, de gênero, de tantos outros marcadores sociais. A imersão nesses processos de formação continuada têm mostrado o quanto faz-se necessário o estudo, a leitura, o debate, para desestabilizar processos educativos nos quais foi imposto que a razão deveria dominar a sensibilidade; o espírito dominar o corpo; o branco dominar o negro, o índio; o letrado dominar o iletrado; o culto dominar o inculto; o detentor do conhecimento dominar o ignorante; o civilizado dominar o primitivo, o hetero dominar o homo, homens dominarem mulheres, adultos dominarem crianças, dentre outros. Explicitar as dicotomias e os modos de manipulação é uma ousadia do educador e da educadora na busca do devir, da compreensão de nós mesmos e da criança e na reorganização permanente do processo educativo com vistas à constituição das singularidades (CAMARGO; RIBEIRO, 1999).

Os cursos em tela, especialmente por mergulhar na temática da sexualidade e das relações de gênero abrangem sentimentos e relacionamentos, aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisões. Tanto os adultos quanto as crianças, desde que nascem, estão mergulhados em um sistema de significações sociais. Se o conhecimento é utilizado como forma de submissão, faz com que as pessoas aceitem como ato de fé aquilo que não entendem e habituem-se a substituir a razão pela crença. Assim, intencionalmente, entretecidos aos textos propostos para estudos há também a proposta de filmes que sensibilizam, mobilizam, ampliam as possibilidades das construções e desconstruções.

Vários foram os aparatos culturais entrelaçados aos textos acadêmicos para fazer emergir os significados. A temática da sexualidade humana e gênero requerem um processo de construção, uma história de interações na qual os saberes se entrecem em ambientes ricos em discussões.

A perspectiva da educação para a sexualidade pretende refletir sobre discursos naturalizados e sacralizados culturalmente, relativizando-os, pondo-os sob suspeita e vigilância, pondo em xeque algumas certezas, permitindo novas formas de pensar e com isso estimular questionamentos sobre como nos constituímos em relações de saber e poder. Com isso, desestabilizar certezas para permitir a ampliação de olhares em outras direções e possibilidades. (XAVIER FILHA, 2009, p. 51).

Isso requer processualidades, continuidades, multiplicidades. “Questões que surgem menos do porque das coisas do que de seu como. Como introduzir o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo da ordem estabelecida?” (FOUCAULT, s/d). Aqui, qual a ordem estabelecida? Justamente a Educação para a Sexualidade na Educação Infantil e as dificuldades para implementá-la intencional e sistematicamente no cotidiano das instituições. Há uma rede de controle dos corpos que Foucault denomina de dispositivo:

(...) A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico; não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Ora, se esse mesmo autor refere-se ao poder não só como repressivo mas como produtivo e nessas grandes estratégias de saber e de poder funcionam também as

resistências, os saberes produzidos nos cenários de formação continuada dos Fóruns de Educação Infantil no Sul de Minas podem constituir-se em novas formas de ser em grupo encharcados de controles mas também de resistências.

Todos os textos citados acima e que fizeram parte dos dois cursos de formação continuada provocaram (provocam) as educadoras a construir saberes que funcionaram e funcionam como potência para o exercício das relações de poder nesse movimento das intencionalidades da Educação para a Sexualidade nas instituições de Educação Infantil. Um dos temas mais recorrentes, polêmicos, contraditórios nos encontros com as educadoras foi (é) o da homossexualidade. Hall insiste:

Os/as professores/as devem procurar saber mais sobre as sexualidades gays e lésbicas, não se limitando a denunciar velhos e maus estereótipos ou a contar as patéticas histórias de vitimização que, atualmente, determinam como as diferenças sexuais são vividas nas escolas. Os/as educadores/as devem fazer mais do que apenas vincular os corpos gays lésbicos ao problema da homofobia. O que é preciso para que os/as professores/as trabalhem com os constructos e as ordens conceituais das sexualidades de uma forma que seja eticamente comprometida com a justiça social e que recrie a pedagogia como um problema de identificações e de prazeres proliferantes, uma pedagogia que não esteja presa à dinâmica da dominação e da subordinação?" (HALL, p.116, 2001).

Além dos estudos de Hall (2001), Ferrari (2003, 2009) e Costa (1994), especialmente na temática da homossexualidade, os textos foram imbricados com filmes, vídeos, charges, músicas, recortes de jornal que incomodam, desestabilizam e assim, segue-se na tentativa da construção dessa pedagogia que “não esteja presa à dinâmica da dominação e da subordinação”.

Marcas difíceis de desfazer pois o controle do corpo do menino perpassa as brincadeiras. Esse tema, portanto, faz-se presente nesse processo de formação continuada e já foi tema em várias reuniões dos Fóruns de Educação Infantil. Quanto investimento para que o menino não brinque de boneca, de casinha, de faz de conta usando fantasias ditas de meninas.

Enfim... não têm fim as discussões acerca das temáticas nos e dos cursos de formação continuada: violências sexuais, gênero, educar e cuidar engalfinhando gênero e sexualidade, dentre tantos outros. Mas o que me instiga à discussão é a hipótese que venho construindo sobre esses cenários do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil: o poder subversivo da amizade.

Amizade: algo inquietante e perigoso

Assumo o termo amizade no vocabulário foucaultiano que não tem o mesmo sentido dado à palavra na língua corrente:

Sua preocupação é com a ética, com o que rompe as fronteiras das morais vigentes e leva o sujeito a se transformar, estilizando sua existência na presença do outro. A amizade seria o quadro relacional dessa constante recriação de si. Onde as sucessivas tentativas de defini-la, de forma a se contrapor aos sentidos literalizados com os quais nos familiarizamos. Assim, amizade é descrita como uma “forma de subjetivação coletiva” e uma “forma de vida” que permite a “criação de espaços intermediários capazes de fomentar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos” (COSTA, 1999, p. 11, 12).

Foucault estimula o pensar: que cenário é esse dos Fóruns de Educação Infantil que têm seus objetivos coletivos, constituem-se em cenários – criando espaços – em que a ética e a estética estão presentes. Na composição desses cenários não há secretaria executiva, não há “sentidos literalizados”. Há a mediação do Departamento de Educação da UFLA, desde 1999 e as reuniões acontecem de forma itinerante, ou seja, a cada mês, na última quinta feira, realiza-se uma reunião, de responsabilidade das cidades que integram o Fórum. Reúnem-se, mensalmente, cerca de 200 a 250 pessoas, profissionais da Educação Infantil, secretárias de educação, conselhos municipais de educação, saúde, tutelar, direitos da criança e do adolescente, dentre outros. Os Fóruns têm caráter formativo, informativo e propositivo garantindo um permanente debate acerca da Educação Infantil. Este é um espaço estratégico para as articulações referentes aos projetos e, dentre eles os que contemplam as temáticas de sexualidade e gênero.

Saberes e fazeres se comunicam em vias de mão dupla: universidade e profissionais da Educação Infantil: caminhadas em que se introduz “movimento e fantasia nas rígidas relações sociais” (COSTA, 1999). Caminhada na qual há o fortalecimento das atividades docentes e a possibilidade da interação de diferentes sujeitos, oriundos dos vários níveis da educação, atuando ou estudando, assumindo o desafio da construção conjunta de saberes teóricos e metodológicos.

Trazer as discussões sobre sexualidades, direitos sexuais e reprodutivos, entre outras, causa polêmica. Contraditoriamente às conquistas nesta área, na Declaração dos Direitos Sexuais e Reprodutivos percebe-se que os/as educadores/as têm poucos espaços de discussão, pois o fato de estar na lei e/ou no papel não garante o cumprimento; são necessárias lutas, construções pessoais, participação social e a consciência de que as “pequenas revoluções” podem acarretar as mudanças. Na maioria das vezes, a nossa cultura influencia para a construção de outros modelos de sujeitos,

acostumados/as que estamos a aceitar as coisas como estão, e/ou assumir uma posição de que o Estado não viabiliza políticas públicas capazes de atender as necessidades da população. Enfim, se o poder circula e quem não se expõe não produz mudanças, como discute Bondía (2002), os cenários dos Fóruns de Educação Infantil do Sul de Minas têm sido decisivos para pressionar a construção de saberes e fazeres. Conhecer os direitos e fazê-los funcionar, promovendo discussões nas escolas, Programas de Saúde da Família e associações de bairro, etc, exige também, e não somente, que cada um/a se comprometa, que influencie na construção de políticas públicas e saibam reivindicar.

Muitos são os documentos oficiais (BRASIL, 1995, 1998, 2004) que trazem a temática da sexualidade e de gênero, muitos/as profissionais querem fazer, mas se perguntam como. A rede de proteção é uma realidade necessária que deve sair do papel e funcionar de fato. Faltam informações, problematizações e políticas públicas, entre tantas outras questões.

Em nossa experiência, os/as participantes dos vários Projetos elencados no início deste texto demonstraram uma vontade enorme de saber, de construir metodologias de trabalho, de participar das reflexões sobre as relações de poder, na tentativa de exercê-lo. Assim, jogamos o jogo descobrindo que, na maioria das vezes, as certezas são provisórias e que, no cotidiano, podemos fazer diferente, questionando, refletindo e instigando mudanças – sugeridas, desejadas, esperadas...

Tudo isso me permite retornar ao conceito de amizade em Foucault:

As relações de amizade seriam um “jogo agonístico e estratégico” no qual os indivíduos agiriam uns sobre os outros com a mínima quantidade de domínio”. Falar de amizade, diz Ortega, refraseando Foucault na terminologia de Deleuze, “é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização”. Relação, portanto, provisória e aberta a novos posicionamentos do sujeito (COSTA, 1999, p. 12).

Quanta coragem, multiplicidade, intensidade, experimentação para a efetivação de várias ações desenvolvidas nas cidades integrantes dos Fóruns. Atos públicos realizados para marcar o dia 18 de Maio – Dia Nacional de Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes com a participação de crianças e adolescentes para elaboração de cartazes, panfletos, dentre outros para sensibilização das comunidades, na maioria das vezes realizando passeatas, blitz, dentre outras. Gincana Cooperativa envolveu 95 crianças no dia de sua realização e 500 crianças no decorrer da realização do sub-projeto “Direitos da Criança”. Esta atividade demandou um intenso trabalho de planejamento, execução e avaliação. Primeiramente um Curso

de Formação para profissionais da Educação Infantil com vistas a planejar e executar o projeto “Direitos da Criança”, realizando atividades referentes à Gincana Cooperativa. Realizou-se, também, um curso para formação de “monitores/as” discentes da UFLA, para atuarem nessa Gincana Cooperativa.

Multiplicidades que se imbricam nos cenários dos Fóruns. Em um dos projetos, a partir do desafio do qual se reveste a temática da Sexualidade Humana e Gênero e das implicações teórico-metodológicas na e para a discussão dos temas, a equipe criou as “Tendas da Sexualidade e Gênero”. Aproveitando-se da estrutura de três barracas de praia estas foram subdivididas em três temáticas a saber: construção histórica da sexualidade humana, temas da sexualidade e os direitos humanos, direitos da criança e direitos sexuais evidenciando a formação das redes de proteção no enfrentamento ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

Nas três barracas interligadas transformadas na “Tendas da Sexualidade e Gênero” torna-se possível vivenciar as temáticas, já que, quando as pessoas adentram as tendas, elas se tornam parte do cenário, tendo as mais variadas reações no contato com as representações ali expostas: textos, pinturas, fotografias, folders, cartazes, etc.

O cenário possibilita, portanto, que a partir das informações que lêem/vêem, elaborar conceitos variados sobre sexualidade já que o ambiente que constitui as tendas não prevê uma lógica linearizada; elas podem ser montadas com qualquer organização. Os/as visitantes têm liberdade para se movimentarem de maneira a dar prioridade às informações que mais lhes interessar. A equipe do projeto disponibilizou as Tendas para visita com o monitoramento dos/das participantes dos Cursos oferecidos.

Enfim... não tem fim!

Essa teia de interações que se constituiu desde 1999 – Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil – mediado pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras (UFLA), vem potencializado saberes e fazeres. Os contatos com as redes de proteção à infância e adolescência são gradativamente ampliadas. Primeiramente nas 8 cidades envolvidas no projeto, na primeira versão respondendo ao edital PROEXT 2004, nas 14 cidades na segunda versão respondendo ao edital PROEXT 2005 e, nas vinte e duas cidades da terceira versão, respondendo ao edital PROEXT 2006. Em 2008 houve a publicação do livro Tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção (RIBEIRO e SOUZA, 2008) básico para estudos e realização de seminários.

Assim, os estudos e pesquisas realizados, os encontros de formação continuada, os seminários, os simpósios, os filmes assistidos, as leituras para aprofundamento da temática da sexualidade humana e gênero que implica também na saúde sexual e reprodutiva, ampliaram sobremaneira as atividades propostas. A cada dia novas demandas, descobertas, problematizações e a certeza da necessidade da continuidade dos trabalhos, haja vista a complexidade e desafio do tema e do aprofundamento teórico.

Atualmente aguardamos a liberação do parecer pela SECADI/MEC do livro Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil em 2010/2011 escrito por 52 pessoas integrantes dos grupos de pesquisa das 5 universidades participantes, conforme já mencionado.

Enfim, nessa construção da sexualidade e das relações de gênero considera-se a dimensão individual e coletiva, estreitamente vinculadas às relações de poder, que perpassam dimensões políticas, econômicas, culturais, sociais, religiosas, éticas. A sexualidade envolve, portanto, as diversidades: de pessoas, de valores, de crenças, de mitos, de tabus, dentre outras imensas e intensas diferenças. O desafio que se nos apresenta é grande no sentido de tentar desconstruir formas de ensinar/aprender e inventar possibilidades metodológicas na e para a temática da sexualidade humana:

O poder é um jogo estratégico. A nova ética da amizade procura jogar dentro das relações de poder com um mínimo de dominação e criar um tipo de relacionamento intenso e móvel, que não permita que as relações de poder se transformem em estados de dominação. Precisamente este jogo com o poder (entendido como possibilidade de dirigir e mudar o comportamento do outro) torna a amizade algo fascinante (ORTEGA, 1999, p. 168).

Navegamos por essas possibilidades, em constante suspeição para o cuidado com esse “relacionamento intenso e móvel” potencializa tantas ações de extensão universitária; consideramos que a teia de conhecimentos que tecemos com responsabilidade social não tem fim, e que um conhecimento em rede leva a vários outros, que se entrelaçam. A equipe do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil acabou de receber a notícia da aprovação do projeto aprovado pelo PROEXT 2012 que contempla a produção de jornais e programas de rádio.

Devires para potenciais criativos: trabalhos ininterruptos, como infinitas metamorfoses (ORTEGA, 1999, p. 63).

Referencias bibliográficas:

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental (1995). **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Convívio Social e Ética. Orientação Sexual e Meio Ambiente.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASÍLIA. Secretaria dos Direitos Humanos e Ministério da Educação. **Guia Escolar: Métodos para a identificação de sinais de Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.** Benedito Rodrigues dos Santos et al. Rita Ippolito: Coordenação técnica 2 ed., 2004, p.31-55.

BRITZMAN, Debora, P. "**O que é esta coisa chamada amor?** Identidade homosexual, educação e currículo" *Educação & Realidade*, v.21. n1. Porto Alegre, Rio de Janeiro: Rocco. 1994 p-69-72.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s):** a sexualidade como um tema transversal. Campinas, SP: Ed. Moderna, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **Homoerotismo: A Palavra e a Coisa** – A ética e o espelho da cultura – 2ª edição – Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

_____, Jurandir Freire. **Prefácio a título de diálogo.** In: ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault.* Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda. 1999.

CRUZ, Elizabete Franco. "**Quem Leva o Nenê e a Bolsa?**": O Masculino na Creche – Homens e Masculinidades: Outras Palavras – 1ª edição – São Paulo: ECOS/Ed.34. 1998.

FERRARI, Anderson. **Ma vie em rose:** gênero e sexualidades por enquadramento e resistências. In: *Educação em Foco – gênero, sexualidade, cinema e educação.* Universidade Federal de Fora. Faculdade de educação/Centro Pedagógico. v 44. ago/2009. Semestral. p.118-141.

_____, Anderson. "**Mãe! E a Tia Lu? É menino ou menina?**" - *Corpo, Imagem e Educação.* Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudo de Gênero - NUTEG - v. 4, n.1, Niterói: EdUFF, 2003, p.115-132.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____, Michel. **Por uma vida não fascista.** Coletânea Michel Foucault Sabotagem. s/d.

GALLO, Sílvio. **Acontecimento e resistência:** Educação menor no cotidiano da Escola- Cotidiano Escolar: Emergência e Inversão – Piracicaba: Jacintha. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós Modernidade.** 6ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LARROSA BONDIA, Jorge. **O Enigma da Infância** – Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas. - 2ª edição – Belo Horizonte/MG: Autêntica. 1999.

_____, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência** – Revista Brasileira de Educação – p. 20-28, Ano VI n.19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **A emergência do Gênero** - Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. – 8ª edição – Petrópolis/RJ: Vozes. 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Poder** - Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. – 8ª edição – Petrópolis/RJ: Vozes. 1997.

RIBEIRO, Cláudia. **Gênero e sexualidade no cuidar e educar** – Revista Pátio: Educação Infantil – p. 14-17, Ano VI n.16, Março/Junho 2008. Porto Alegre/RS: Artmed. 2008.

_____, Cláudia Maria e SOUZA, Ila Maria Silva. **Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nas Redes de Proteção**. Lavras (MG): Editora UFLA. 2008.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: sucata que vira brinquedo**. Porto Alegre: Artmed editora. 1995,p.9-17.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teorias do Currículo: o que é isto?** – Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo – 2ª edição – Belo Horizonte/MG: Autêntica. 1999.

SILVESTRE, Mônica L.: Barreto, Flavia de O. **Relações dialógicas interculturais: Brinquedo e gênero**. In: RIBEIRO,Cláudia e SOUZA. Ila Maria Silva (org). Educação Inclusiva: Tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção. Lavras: Editora UFLA, 2008 p.59-72.

XAVIER FILHA, Constantina (org). **Educação para a sexualidade, equidade de gênero, e diversidade sexual: entre carregar água na peneira, catar espinhos na água e a prática de (des)propósitos**. In: Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual.Ed.UFMS: Campo Grande, 2009, p.19-44.